

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-79-6

DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG	
<i>Luís Henrique Silva Ferreira</i>	
<i>Andressa Virgínia de Faria</i>	
<i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL	
<i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL	
<i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i>	
<i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS	
<i>José Elías Pinheiro Neto</i>	
<i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES	
<i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA	
<i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS	
<i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO	
<i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA

Daniel de Albuquerque Ribeiro

Salvador, Bahia

RESUMO: Este ensaio busca levantar reflexões acerca do que seria a arché geográfica. Para tal, foi dividido em três partes. A primeira com uma análise sobre o entendimento de espaço geográfico. A segunda faz um resgate sobre o conceito de arché para então combinar ao entendimento de espaço geográfico, com a finalidade de delinear o que seria a arché geográfica ou arché-geo. Na terceira e última parte, esse trabalho aponta um caminho para se entender a arché-geo através da arché geográfica do lugar. Nesse sentido se buscou indícios sobre o que poderia ser a Arché-geo Soteropolitana.

PALAVRAS-CHAVE: Arché Geográfica; Salvador; Espaço, Técnica

ABSTRACT: This essay seeks to raise reflections about what would be the geographic arché. To this it was divided into three parts. The first with an analysis of the understanding of geographic space. The second part is a rescue on the concept of arché to then combine with the understanding Geographic Space in order to outline what would be the geographic arché or arché-geo. In the third and last part, this work points a way to understand the arché-geo by

geographic arché of place. In that sense we attempted to point out some clues about what could be the Soteropolitana Arché-geo.

KEY-WORDS: Geographic Arché, Salvador, Space, Technique

1 | INTRODUÇÃO

A arché para os pré-socráticos seria o princípio presente em todos os momentos na existência de tudo. Este ensaio tem por objetivo iniciar as reflexões sobre a possibilidade de se relacionar o conceito de arché com o de espaço geográfico e para tal, tomará como ponto de partida a cidade de Salvador da Bahia.

Será trabalhado o conceito de espaço na visão de alguns geógrafos, para após isso explanar a ideia de arché geográfica ou arché-geo. Em muitos aspectos os dois conceitos podem se confundir, mas a priori pode-se afirmar que toda a arché geográfica está no espaço geográfico cuja totalidade não está na arché geográfica.

2 | DESENVOLVIMENTO

Espaço, tempo e escala são três categorias relacionadas e indissociáveis. Isso significa que a questão do espaço também é temporal e a

do tempo é espacial, por fim, a questão da escala é espacial-temporal. Seguindo a mesma lógica, a arché geográfica se relaciona tanto com o espaço quanto com o tempo, e a depender da escala de análise é mutável nessas duas categorias. Devido a isso, antes de abordar especificamente sobre a arché-geo, faz-se necessário uma breve explanação sobre o conceito de espaço e sua relação com o tempo e a escala.

Inicialmente é importante distinguir a escala geográfica da cartográfica. É comum, encontrar em diversas referências, tais como, Duarte (2006), Nogueira (2006), Florenzano (2007), Fitz (2008), menção à escala com o conceito matemático. Este destaque é justificável pelo fato de que apesar dessas produções tratarem temas relacionados ao geoprocessamento e sensoriamento remoto, onde geógrafos também atuam, parte-se do princípio que o conceito precisa ser apresentado com precisão. Em contraponto, se faz um destaque, ao livro de Joly (1990), que trabalhando a Cartografia, utiliza com precisão o termo escala cartográfica ao usar uma definição matemática para conceituar a mesma. Esse problema conceitual fica claro no Dicionário de Geografia Aplicada e Profissional. Nele o termo escala aparece 320 vezes em diferentes aplicações, sendo evocada para diversos fenômenos. Contudo, no momento de definir o que é escala, a conceituação fica no sentido estritamente cartesiano:

Relación que existe entre las magnitudes de los elementos representados en el mapa y las que éstos mismos tienen en la realidad. Define la reducción a la que debemos someter a la superficie terrestre para poder representarla en un documento, en un mapa, cuyo tamaño es mucho menor. La representación de la escala en un mapa puede ser gráfica o numérica. (JOLLY, 1982; Robinson, 1998 in TRIGAL et al, 2015, p.220)

Ainda sobre a escala, Castro (1995) alerta para a diferença do sentido cartográfico em relação ao geográfico, sendo o primeiro como um recurso de medidas, e o segundo onde a análise dos fenômenos implica na análise dos espaços onde são percebidos e por fim chama atenção para o fato de que a escala conferirá visibilidade aos mesmos. A autora também denuncia a confusão na utilização do conceito e aponta a importância de pensar a escalar geográfica no momento de intercambiar diferentes fenômenos em escalas distintas. Em 1985, Lacoste já apontava a importância de transitar pelas instâncias espaciais, ao afirmar que é “indispensável que nos coloquemos em outros níveis de análise, levando em consideração outros espaços”. (LACOSTE, 2012, p.75)

Essa premissa, cada vez mais, se faz coerente na medida em que a relação lugar-mundo se intensifica. No entanto essa necessidade de análise em diferentes escalas não é uma exclusividade dos tempos atuais. Partindo desta noção, adotamos o entendimento de Santos (2008) que considera a questão da escala não somente como sendo espacial, mas também como temporal, uma vez que para o autor, tempo e espaço também são indissociáveis.

Em Espaço, um Conceito-Chave da Geografia, Corrêa (1995) comenta a respeito do uso vago da expressão Espaço Geográfico. Segundo o autor, o termo espaço, na Geografia Tradicional, foi empregado em diferentes sentidos, como o de Área (Hartshorne, 1939), ou o espaço vital de Ratzel. No entanto, para Corrêa o espaço

só aparece como conceito chave da disciplina na década de 1950 com a Geografia teórico quantitativa. O autor comenta sobre as correntes marxistas que tratam a questão espacial em conjunto com a temporal e ao fim de sua análise trás a geografia humanista e cultural com as questões da subjetividade e do espaço vivido. Após tratar sobre o conceito de espaço nas diferentes correntes, ele define o que entende como práticas espaciais.

No longo e infindável processo de organização do espaço o Homem estabeleceu um conjunto de práticas através das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais. [...] um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte, ou preservando-o em suas formas e interações espaciais. (CORRÊA, 1995, p.35)

Debatendo o espaço em diversas obras, identificamos que em 1988 ao escrever *Metamorfose do Espaço Habitado*, Santos (2007) já trás os conceitos de período técnico científico e a ideia de fixos e fluxos. No livro *Pensando o Espaço do Homem* (2002) escrito em 1982, ele aborda a relação do espaço com o tempo ao afirmar, já em sua epigrafe, que “o espaço é a acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2002, p.9)

Em 1979 no livro *Economia Espacial*, Santos (2003) também traçou a relação do espaço e suas categorias de análise, fazendo um grande destaque para a forma, que segundo ele é “um instrumento para promover a introdução do capital tecnológico estrangeiro numa economia subdesenvolvida e para ajudar o processo de superacumulação, cuja contrapartida é a superexploração.” (SANTOS, 2003, p.198) O autor também aborda sobre a relação entre tempo e escala como fatores fundamentais para a compreensão da totalidade retomando na sequência a importância das categorias internas.

O estudo da totalidade conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade. Devemos levar em consideração, além das categorias tempo e escala que funcionam externamente, as categorias internas estrutura, função e forma. (SANTOS, 2003, p.199)

Em 1996 em *A Natureza do Espaço*, Santos (2008) toma “como ponto de partida” a noção de espaço “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2008, p.20). Publicado em 1994, *Técnica Espaço Tempo* (SANTOS, 1997), ainda não continha agregado a essa definição o termo indissolúvel, mas a ideia da relação entre o sistema de objetos e o de ações, já se fazia presente. Para o autor o tempo e o espaço são mutuamente conversíveis.

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. (SANTOS, 2008, P.54)

O tempo é perceptível no espaço por suas marcas impressas na paisagem. Essas marcas ficam registradas no lugar pelas técnicas distintas que denunciam os diferentes períodos em que se imprimiram, fazendo indissolúvel a relação entre essas categorias (espaço e tempo). “É o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica.” (SANTOS, 2008, p.58). Ao tratar da relação entre espaço, lugar, tempo e técnica, chegamos ao segundo ponto deste ensaio, que é abordar especificamente sobre o que se entende por arché geográfica.

2.1 Arché, Espaço e Técnica

No livro, Os Filósofos Pré-Socráticos, Bornheim (1998), nos trás os fragmentos conhecidos dos primeiros filósofos gregos, bem como as doxografias a respeito dos temas tratados por eles. Parte considerável desses pensadores trataram sobre a arché. A arché para os pré-socráticos estaria presente em todas as coisas no seu início, meio e fim, estaria no princípio, mas não se resumiria a isso.

Para os pré-socráticos, arché não está submetida a um conceito de tempo linear (pelo qual se pensa um começo e um fim), mas de tempo cíclico. Deste ponto de vista, arché não seria sinônimo de começo, mas designa procedência no tempo. Por ser, todavia, palavra ancestral, designa igualmente poder ou soberania, como lei ou comando que, inerente ao Cháos, força-o continuamente a constituir-se num Cósmos. (SPINELLI, 2002, p.72)

De acordo com Spinelli, Aristóteles se referiu à Tales de Mileto como *archégòs philosophías* e teria iniciado a filosofia com a ideia da água sendo a origem de todas as coisas, a arché. Segundo Nietzsche essa questão apesar de absurda deveria ser levada a sério “por três razões: primeiro, porque a proposição assere algo acerca da origem das coisas; em segundo lugar, porque faz isso sem imagens e fábulas; e, finalmente, porque contém, embora em estado de crisálida, a idéia de que “tudo é um”. (NIETZSCHE, 1987, p.27). Spinelli destaca que a atribuição à Tales de pai da arché não é consensual entre os filósofos, havendo referências à Anaximandro e a Teofrasto. Dentre os fragmentos dos filósofos sobre a Arché, trazemos o de Diógenes nascido na segunda metade do século V a.C..

A minha maneira de ver, para tudo resumir, é que todas as coisas são as diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo – terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria, e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas às outras, nem fazer bem ou mal umas às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir à existência, se todas as coisas não fossem comportas de modo a serem as mesmas. (DIÓGENES, V a.C. *apud* BORNHEIM, 1998, p.99)

Quanto à água ser a Arché, mesmo discordando de Tales de Mileto, quase todos os outros pré-socráticos buscaram na materialidade a arché. Desse modo, para

Anaximenes de Mileto, no ar estaria o início de todas as coisas, para Xenófanos de Cólofon a terra, Heráclito de Éfeso o fogo, para Empédocles de Agrigento os quatro elementos, para Anaxágoras de Clazomena as homeomerias, para Pitágoras de Samos o número e para Demócrito os átomos. Spinelli chama a atenção, para o fato de que os princípios explicativos de índole material, não são os únicos desenvolvidos pelos primeiros filósofos, como deixa subentendido o próprio Aristóteles.

[...] ao afirmar que “os primeiros filósofos acreditaram que os únicos princípios são de índole material”, Aristóteles, cuidadosamente, não inclui “todos” os primeiros filósofos, mas a “maioria”, ficando subentendido que alguns (tal como Anaximandro ou Parmênides) manifestaram uma opinião diferente (a do segundo tipo). (SPINELLI, 2002, p.77)

Spinelli trás outra relação entre kósmos, arché e phýsis, onde concebidos de modo relacionado, “expressam quase a mesma coisa: kósmos designa a ordem ou a harmonia estabelecida, e arché, um princípio ordenador do qual a phýsis é a sua explicitação.” O autor explica que enquanto Parmênides atribuiu a compreensão de imobilidade à arché e à physis, Heráclito os conferiu a ideia de movimento. Ressaltando que ao invés de se contrapor, esses conceitos se complementam.

É no sentido do movimento que trabalhamos a arché-geo, não como movimento puro, mas na direção complementar entre as suas alterações e continuações. Esse movimento entre os contrários é o que definiria os processos. A ação de uma força em oposição a outra, mas ao mesmo tempo complementar.

Em Bornheim (1998, p.27) vemos que para Anaximandro o movimento é eterno e a explicação da gênese não está pela mudança do elemento primordial, mas pela separação dos contrários em consequência do movimento eterno. (SIMPL. PHYS., 24, 13, apud, BORNHEIM, 1998, p.27) Assim como na arché filosófica, a arché geográfica se cria e se recria conservando-se nesse processo de recriação. Sua essência configura-se nesse movimento, mas também permanência de forças que se opõem ao tempo que se complementam.

A arché geográfica se confunde com o próprio espaço geográfico, pois está na origem dele e nele permanece, mas não é o espaço da mesma forma que: “O espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim.” (SANTOS, 2008, p.104). Há arché geográfica em todo espaço e por ela é possível se percorrer o mesmo. Na essência da técnica, há a presença da arché geográfica, na do lugar encontra-se a arché geográfica do lugar, na sua materialidade registra-se o tempo no espaço. “É o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica.” (SANTOS, 2008, p.58). Assim temos nas técnicas o elo entre lugares e mundos, e por consequência, da arché geográfica em seus desdobramentos pelo tempo.

Em Pensando o Espaço do Homem, Santos (2002), menciona que Ptolomeu,

em sua Geografia, nos aconselhava “a meditar no que representa o presente e no que representa o passado, bem como a decidir o que é crível e aquilo que não é.” (SANTOS, 2002, p.13) Em outro fragmento, faz uma menção à questão do momento passado que permanece no presente, se aproximando da ideia de arché geográfica.

Por isso, o momento passado está morto como tempo, não, porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. (SANTOS, 2002, P.1)

Podemos afirmar que apreensão do passado no presente está na essência da técnica, mas é importante, avançar na ideia de que técnica não se resume a objetos. Ela se manifesta tanto no plano material como no imaterial. No sentido espacial, ela pode ser observada na paisagem, mas a sua percepção parte do lugar. O lugar, por sua vez tem a capacidade de formar e redefinir a técnica.

Os lugares, já vimos, redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Os respectivos “tempos” das técnicas “industriais” e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam. (SANTOS, 2008, p.59)

Para Heidegger (1997, p.11), “A técnica não é igual à essência da técnica” e “a essência da técnica não é, de forma alguma, nada técnico”. Segundo esse filósofo através dela pode-se desencobrir o que está escondido, e assim chegar ao desencobrimento das coisas, e por meio desse des-encobrimento que é também deixar-viger, podemos alcançar a verdade. “Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e des-encobrimento onde acontece, ἀλήθεια verdade.” (HEIDEGGER, 1997, p.18) Se tomarmos por base que a essência da técnica pode ser um parâmetro integrador das diferentes escalas de análise espacial e temporal, e se levarmos em conta a afirmação de que através de seu desencobrir podemos chegar à verdade, poderá o estudo da técnica contribuir para o entendimento/des-cobrimento do espaço geográfico, ou seja, sua arché geográfica. A arché-geográfica é o espaço geográfico desencoberto.

Em a natureza do espaço, Santos (2008) trata no primeiro capítulo a questão da técnica e sua relação com o tempo e o espaço. “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (SANTOS, 2008, p.29). Com a presença cada vez maior da tecnologia no cotidiano dos indivíduos, ocorre o fenômeno da “Compressão Tempo-Espaço” (HARVEY, 2014, p.257). A relação do homem com a técnica se altera, o que leva alguns pensadores, a exemplo de Heidegger (1997) a distinguir a técnica, da técnica moderna. Leão (2000), afirma que a presença cada vez maior da técnica levaria a Terra se tornar mundo.

A TERRA é mais antiga do que o homem e a história. Por isso a terra não pode ter nem lugar, nem data, nem certidão de nascimento. O homem é mais antigo do que o mundo e a técnica. O mundo e a técnica têm lugar e data marcada, possuem certidão de nascimento. Por isso a técnica pretende submeter o homem com a

tecnologia, dirigindo a história e substituindo a terra pelo mundo. (LEÃO, 2000, p.106)

Para esse autor, “Terra evoca a proteção de que necessita o mundo para se construir em meio a dependências.” (LEÃO, 2000, p.107). No entanto, ele considera o mundo como “a conjuntura limpa dos homens, das coisas e relações, oriunda e sustentada pela técnica e sua tecnologia.” (LEÃO, 2000, p.107) Em síntese, o autor explica que quanto mais o homem se distancia da Terra, mais será controlado pela técnica. Nesse sentido, a presença da técnica é o indicador da ação do homem em transformar Terra em mundo. É a técnica que funciona como fio condutor do caminho que podemos percorrer pela arché geográfica, presente no espaço, pois não é a Terra em si que demarca a arché geográfica, mas a presença da técnica é o registro da humanidade no processo de transformação da Terra em mundo e do espaço em espaço geográfico. Não é a técnica que define o espaço geográfico, mas é o seu uso que pode tornar o homem cada vez mais próximo da Terra ou mundo.

2.2 Em busca da Arché Geográfica Soteropolitana

Do mesmo modo que partindo de qualquer lugar do mundo, podemos chegar à arché geográfica do mundo, cada lugar terá a sua arché geográfica específica. Essa arché geográfica do Lugar será o marco (um) para o futuro e para o passado. O antes e o depois de sua existência, ela pode ser o caminho metodológico para a arché geográfica do mundo. Pois da arché geográfica de Salvador, podemos chegar a Lisboa o que leva a questão seguinte, qual a arché geográfica de Lisboa? De qualquer lugar do mundo, pode-se chegar à arché-geo do próprio mundo.

A formação da arché geográfica é caracterizada por ser um evento, ou seja, uma sucessão de momentos. Espacialmente ela não é um objeto, nem estritamente um lugar, mas o lugar e as relações estabelecidas pelo mesmo com seu entorno e com o mundo, dentro de um intervalo de tempo que se considera o evento de sua formação, desenvolvimento e afirmação enquanto unidade espacial. Neste ensaio, sobre a Arché Geográfica Soteropolitana, tomaremos emprestado o conceito de Vasconcelos (2002) que define o período de formação da cidade de Salvador como: a implantação da Cabeça da Ponte que vai de 1549 a 1650.

No final do período, a “Cabeça da Ponte” estava consolidada. Dividida em duas partes, a cidade ocupava todo o primeiro platô na parte alta, a partir da implantação de um traçado em quadrícula, adaptado às dificuldades do terreno. A parte baixa, ainda bastante estreita, era composta por apenas uma longa rua. (VASCONCELOS, 2002, p.70)

Do mesmo modo que a ideia de arché não se limita a origem, a Arché Geográfica Soteropolitana, não se resume a Implantação da Cabeça da Ponte. Ela continua existindo, nos tempos que a sucedem e se desdobrando em novos espaços. A origem da cidade, no entendimento geográfico, é somente o marco (um) temporal, bem como o centro de referência espacial, mas a nível escalar, ela se relaciona com o seu entorno

e o mundo nos diferentes desdobramentos temporais que percorre até os tempos atuais e consequentemente até o futuro. (Figura 01)

Pensar na *archê* geográfica soteropolitana, leva ao entendimento de que, trata-se do núcleo inicial da cidade (Centro Histórico), englobando sua área imediatamente ligada, mas, em posição relativamente periférica (Periferia Histórica), associado à região que corresponde à sua *hinterland* – (Região Geográfica Histórica) e conectado aos pontos do planeta com que estabelecia relações (Rede Geográfica Histórica). (RIBEIRO, 2011, pp. 36-37)

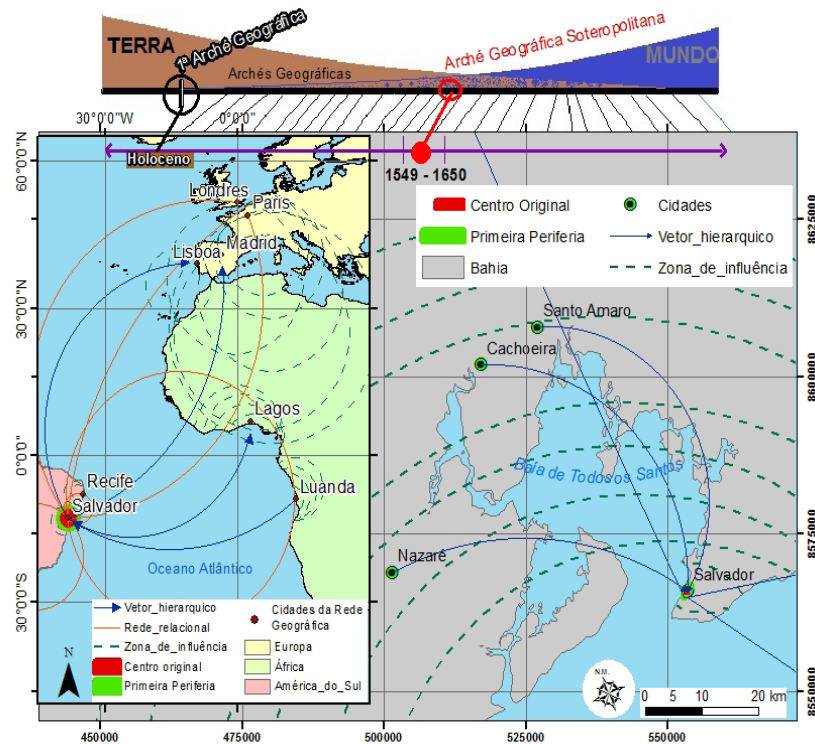


Figura 01 – Representação Espaço/Tempo da Archê Geográfica Soteropolitana.

Fonte dos dados: RIBEIRO (2011), Google Earth (2011), acessado em Janeiro de 2011

Elaboração: RIBEIRO, 2015

Se o zero é a ausência de tudo, o momento anterior ao um. O (um) define o início. Para chegar do zero até o (um), encontramos uma infinidade de frações, cada uma delas é um momento entre o nada e o algo, que somados formam um evento. Esse evento (um) se desdobra em todos os outros, ele é composto por uma fração de momentos. O evento (um) estará, presente no todo que o suceder, pois é ele quem rege. Sendo assim, não há 14 ou 28 em um, mas há (um) em ambos.

Na transmutação do espaço no tempo, a *archê* geográfica permanece. Mesmo que mude a forma, função e estrutura, o processo que resulta em algo novo, conserva sua *archê* espacial. A Salvador metropolitana de hoje, contém em sua essência sua *archê*-geo e por consequência a *archê*-geo do mundo. Nesse sentido, a *archê*-geo dos lugares não é o que os diferencia, mas o que os une.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que este ensaio tem por objetivo iniciar o debate sobre o conceito de arché geográfica, mais importante que concluir o assunto é levantar indagações. Como ponto de partida buscou-se pensar o que poderia ser a Arché Geográfica Soteropolitana, primeiro pela necessidade de um exemplo concreto. Depois porque a teoria em questão é que de qualquer arché geográfica de um lugar, é possível voltar para a arché geográfica do lugar que a antecedeu/originou e nesse caminho podemos chegar a Arché-geo do mundo. Se adotarmos isso como procedimento, mais do que teoria, essa ideia pode consistir em uma metodologia.

Para ser entendida, a arché geográfica precisa ser relacionada com o espaço e o tempo além da percepção dos fenômenos em diversas escalas. A chave para sua compreensão pode estar no estudo da técnica tal como elemento que permite assimilar a relação espacial/temporal, sendo a técnica – o registro no espaço do tempo. Parte-se do princípio que a técnica é tanto material, quanto imaterial. Dessa forma, o carro, o edifício, o uso do rio para navegação, bem como a escrita e a música, estão material e imaterialmente situados no entendimento de técnica. As técnicas se aprimoram e se modificam, mas conservam a sua essência. No teclado que se digitou este texto, tem o princípio da máquina de datilografar, bem como do papiro e por fim o da comunicação por sinais presente nos primórdios da humanidade. A busca pela arché geográfica, não é a negação do mundo, mas o resgate da conexão do homem com a sua essência, diretamente ligada à Terra.

Ficam as seguintes questões: o que há da Arché Geográfica Soteropolitana na Salvador do século XXI? O que há no Espaço Geográfico do que é a arché geográfica? Quanto mais nos tornamos mundo, mais deixamos de ser Terra? É possível resgatar no mundo a Terra? Como a técnica pode contribuir para isso? A importância de responder essas questões é mais que um exercício acadêmico, mas faz da busca pela arché geográfica uma reflexão espacial sobre o que é a humanidade; do que fomos ao que somos e do que seremos ao que podemos ser.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd A., **Os filósofos Pré-Socráticos**, São Paulo, CULTRIX, 1998.

CASTRO, Iná Elias de, **O problema da escala**, In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORREA, Roberto Lobato (Org.), **Geografia Conceitos e Temas**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, (pp.117 a 140).

CORRÊA, Roberto Lobato, **Espaço**: um conceito-chave da Geografia, In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORREA, Roberto Lobato (Org.), **Geografia Conceitos e Temas**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, (pp.15 a 48).

DUARTE, Paulo Araújo, **Fundamentos de Cartografia**, Florianópolis: UFSC, 2006.

- FITZ, Paulo Roberto, **Geoprocessamento sem complicação**, São Paulo, Oficina de Textos, 2008.
- FLORENZANO, Teresa Gallotti, **Iniciação em Sensoriamento Remoto**, São Paulo, Oficina de Textos, 2007.
- HARVEY, David, **Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Edições Loyola, 2014, Título original: *The condition of postmodernity*, 1989.
- HEIDEGGER, Martin, **Pensamento Humano** - Ensaios e conferências, Petrópolis, Editora Vozes, 5º ed., 2008. Título original: *Vorträge und Aufsätze*.
- JOLY, Fernand, **A Cartografia**, Campinas, Papyrus, 2007, 9ª ed. Título original: *La cartographie*, 1985. Tradução Tânia Pellegrini.
- LACOSTE, Yves, **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, Editora Papyrus, 2012.
- LEÃO, Emannuel Carneiro, **Aprendendo a pensar**, Volume II, 2ª Ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.
- NIETZSCHE, F. **A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos**. Lisboa, Edições 70, 1987.
- NOGUEIRA, E. Ruth, **Cartografia, representação, comunicação e visualização de dados espaciais**. Florianópolis, UFSC, 2008.
- RIBEIRO, Daniel de Albuquerque, **Gentrification no Parque Histórico do Pelourinho**, Salvador - Bahia, Dissertação (Geografia) Salvador: UFBA, 2011.
- SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção, 4º ed. São Paulo, Edusp, 2008.
- SANTOS, Milton, **Economia Espacial**, Críticas e Alternativas, S. Paulo, Edusp, 2003.
- SANTOS, Milton, **Metamorfoses do Espaço Habitado**, Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia, São Paulo, Edusp, 2007.
- SANTOS, Milton, **Pensando o Espaço do Homem**, São Paulo, Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton, **Técnica Espaço Tempo**, Globalização e meio técnico-científico informacional, São Paulo, HUCITEC, 1997.
- SPINELLI, Miguel, **A noção de Arché no Contexto da Filosofia dos Pré-Socráticos**, São Paulo: HYPNOS, 2002.
- TRIGAL, Lorenzo Lopes et al, **Diccionario de Geografía aplicada y profesional**, *Terminología de análisis, planificación y gestión del territorio*, León, Universidad de León, 2015.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida, **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. Ilhéus: Editus, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

